

CPI do Crime Organizado deve convocar Toffoli

Ministro deixou a relatoria do caso envolvendo o Banco Master

/STF

Relator da CPI do Crime Organizado, o senador Alessandro Vieira (MDB-SE) admitiu que sofre pressão de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e de políticos, dentro e fora do Congresso, para impedir que a comissão vote a convocação do ministro Dias Toffoli. A declaração foi dada nesta sexta-feira em entrevista à GloboNews.

Toffoli deixou a relatoria do caso envolvendo o Banco Master após a Polícia Federal (PF) encontrar menções a ele no celular do dono da instituição, Daniel Vorcaro.

O ministro recebeu dinheiro de uma empresa que realizou negócios com um fundo ligado ao cunhado de Vorcaro. Toffoli confirmou que é sócio da empresa, mas afirmou que não mantém "relação de amizade" com o banqueiro.

"Sempre há pressão quando se lida com investigados deste tamanho. São bilhões de reais e figuras muito poderosas nas três esferas do poder", disse Vieira. "Isso é completamente previsível. Não foi a primeira vez nem será a última."

Vieira classificou como "vexame" a nota assinada por todos os magistrados do STF em defesa de



Reunião dos integrantes do colegiado definiu roteiro de atividades

Toffoli. "Os recados que estão sendo enviados para a Polícia Federal são terríveis, são duríssimos. A nota publicada por 10 ministros do Supremo é um vexame porque diz que Toffoli não pode continuar como relator, mas, ao mesmo tempo, afirma que ele é imaculado e intocável", declarou.

O senador também criticou o fato de apenas a Procuradoria-Geral da República (PGR) poder autorizar a investigação de ministros da corte. "Há um paradoxo no Brasil. É uma decisão quase unilateral da PGR e isso limita muito a nossa de-

mocracia", afirmou.

Vieira disse que a expectativa é que a votação da convocação ocorra após o Carnaval, em 24 de fevereiro, data marcada para a próxima reunião da CPI. Segundo ele, a decisão de pautar o requerimento foi tomada pelo presidente da comissão, senador Fabiano Contarato (PT-ES). A CPI também pretende votar depois do Carnaval requerimentos de quebra de sigilo e convocação relacionados ao escritório da advogada Viviane Barci de Moraes, mulher do ministro Alexandre de Moraes.

Morre Renato Rabelo, que presidiu o PCdoB até 2015

/OBITUÁRIO

O Partido Comunista do Brasil (PCdoB) comunicou que morreu neste domingo, aos 83 anos, Renato Rabelo, político considerado pelo partido um dos mais importantes dirigentes de sua história.

Rabelo presidiu o PCdoB de 2001 a 2015. Nos últimos três anos, o político dedicou-se a cuidar da saúde, tendo lutado nos últimos tempos contra a evolução de um câncer. Rabelo deixa a esposa, Conceição Leiro Vilan, e filhos.

"Renato foi um dos articuladores, pelo PCdoB, junto com João Amazonas, da Frente Brasil Popular (PT, PSB, PCdoB), que lançou, em 1989, a primeira e marcante candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva para presidente da República, jornada que seria vitoriosa com a eleição de Lula em 2002", diz um trecho na

nota divulgada pelo partido.

"Recebi com muita tristeza a perda do companheiro Renato Rabelo, grande liderança do PCdoB. Desde muito jovem, Renato entregou sua militância, inteligência e energia à defesa dos trabalhadores, do socialismo e do Brasil. Enfrentou a ditadura, a perseguição e o exílio", disse, nas redes sociais, a ministra-chefe da Secretaria de Relações Institucionais do governo Lula, Gleisi Hoffmann.

A deputada pelo PCdoB, Jandira Feghali, também prestou homenagem ao líder do partido. "Me despeço com profunda tristeza de um grande amigo, referência ideológica, política e de afeto, que presidiu nosso PCdoB por décadas, e um dos maiores construtores da história do Brasil. Renato dedicou a vida inteira à luta pela democracia, pela soberania nacional, por direitos e pelo socialismo. O Brasil ficou mais pobre de ideias e de luta."



Rabelo lutava contra um câncer

Rabelo foi vice-presidente nacional da União Nacional dos Estudantes (UNE) durante a ditadura militar de 1964, militante da Ação Popular (AP) e membro do núcleo dirigente que conduziu a integração da organização ao PCdoB, em 1973. Foi exilado na França, em 1976, quando dirigentes do PCdoB foram assassinados, presos e torturados no Brasil, e retornou com a anistia de 1979.

Dias Toffoli é alvo de 10 pedidos de impeachment no Senado

O ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal (STF), é alvo de 10 pedidos de impeachment no Senado Federal. Desses, quatro abordam o caso do Banco Master e foram apresentados em 2026. O mais recente foi divulgado pelo partido Novo na última quinta-feira. O líder da legenda, deputado federal gaúcho Marcel Van Hattem, afirmou que, se as autoridades não agirem por determinação da lei, deveriam agir a partir da pressão social.

"O Senado da República não tem mais como ficar calado diante do que está acontecendo, o Senado precisa agir porque é corresponsável", completou o senador Eduardo Girão (Novo-CE). O pedido ainda não aparece no sistema de protocolo da Casa.

Outras solicitações apresentam como justificativa para a saída do ministro o fato de ele ter sido alvo de sanção dos Estados Unidos, assim como os demais colegas; a sua suposta parcialidade para julgar casos que envolvem a JBS em razão de sua ex-esposa advogar pela empresa; e seu voto pela anulação da delação do ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, que o citava.

Alguns autores também incluíram em pedidos de impeachment de Toffoli outros ministros do Supremo, como Alexandre de Moraes, além de ministros do STJ (Superior Tribunal de Justiça),

como Luis Felipe Salomão, do procurador-geral da República, Paulo Gonet, e do advogado-geral da União, Jorge Messias.

Há pedidos assinados por um ex-deputado estadual do Rio Grande do Sul, Eric Lins Grilo (PL), além de advogados e procuradores. Toffoli deixou a relatoria do caso Master no Supremo após a Polícia Federal entregar documento em que aponta indícios de crimes do magistrado. Os ministros se reuniram na última quinta-feira e defenderam o colega, mas anunciaram a mudança na condução do processo. André Mendonça assumiu a ação por sorteio.

A Cúpula do Congresso e o centrão atuam para blindar Toffoli e afastar a possibilidade de impeachment, apesar de a oposição seguir pressionando pela saída do ministro. Nesta sexta-feira, a Federação União Progressista, que une o PP e o União Brasil, e o Solidariedade publicaram notas em defesa do magistrado.

A federação afirmou que as "narrativas" enfraquecem a democracia, e o Solidariedade disse que o ministro é alvo de um "linchamento moral".

A oposição convocou manifestações contra o presidente Lula (PT), Moraes e Toffoli para o dia 1º de março. Há atos previstos em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

José Álvaro Moisés, fundador do PT, tem morte por afogamento

Um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT), José Álvaro Moisés, morreu nesta sexta-feira, aos 81 anos. Professor titular de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Moisés foi vítima de afogamento na Praia de Itamambuca, em Ubatuba, no litoral norte de São Paulo.

De acordo com Grupamento de Bombeiros Marítimo, o acadêmico foi encontrado inconsciente na faixa de areia. As equipes de resgate chegaram a tentar manobras de reanimação ainda na praia.

Embora tenha sido um dos principais intelectuais envolvidos na fundação do PT, o cientista político e professor da USP tornou-se crítico da sigla nos últimos anos - e chegou a dizer, em 2010, que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva havia "passado dos limites".

Em 2023, durante entrevista,

Moisés apontou que o PT "tinha um vício de achar que, se o protesto era feito por ele, era legítimo, mas se o protesto era contra, era ilegítimo".

Fez questão ainda de ressaltar que a omissão das forças democráticas ao mal-estar em relação ao funcionamento do sistema político abriu espaço para a direita.



Cientista político tinha 81 anos